

Boa noite.

Em nome do Curso de Letras - Português/Inglês e Respectivas Literaturas da UNESPAR, *campus* de Campo Mourão, desejo boas-vindas a todas as pessoas aqui presentes.

De partida, agradeço o apoio da Fundação Cultural e da prefeitura de Campo Mourão, dos técnicos do Teatro Municipal e da empresa Oxy.

Ao cumprimentar a diretora do *campus*, professora Ceres Ribas, o diretor do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, professor Adalberto Dias, e o diretor do Centro de Ciências Humanas e da Educação, professor João Lorin, estendo meus cumprimentos às demais autoridades que aqui se encontram, tanto da UNESPAR quanto de fora da universidade.

Agradeço imensamente a presença dos jurados desta noite, Cleverson de Lima, professora Hermínia, professora Eddleia, professor Wilson, professora Sinclair e professor Fábio.

É também com imensa gratidão que cumprimento os colegas professores e estudantes do Curso de Letras que se engajaram na Comissão organizadora deste evento; em especial, destaco os esforços da professora Adriana Beloti à frente dessa equipe.

Por fim, agradeço a presença dos colégios estaduais da rede básica de Campo Mourão que nos prestigiam hoje: ____.

* * *

No dia 6 de agosto de 2024, há pouco mais de um ano, esta mesma comunidade se reunia neste mesmo Teatro Municipal para celebrar a realização do XX Varal de Poesias, evento que coroava a celebração do cinquentenário do nosso curso de Letras.

Havia uma atmosfera de nostalgia naquele momento: após um hiato de dez anos, estávamos comemorando o retorno do Varal de Poesias.

Agora, nesta vigésima primeira edição do evento, o sentimento é diferente: não precisamos mais celebrar o retorno do Varal como um acontecimento nostálgico, porque ele voltou a ser parte da nossa realidade. Aconteceu em 2024, acontece em 2025, acontecerá em 2026 e nos anos que virão.

Passamos, a partir daqui, a celebrar sua permanência e continuidade.

Se algum desavisado perguntasse por que essa celebração é importante, acredito que todas as pessoas aqui presentes saberiam responder.

Para nós, estudantes e professores do curso de Letras, é claro que há um sabor adicional – por que não dizer orgulho? – na ação de organizar e entregar mais uma edição de um evento histórico que viabiliza o diálogo entre a comunidade e a universidade.

Para os ilustres membros da mesa de jurados, tenho certeza de que também existe um gosto a mais, por terem feito e seguirem fazendo parte desta história.

Para os poetas, os verdadeiros protagonistas desta noite, tanto os que estão presentes quanto os que não puderam comparecer, imagino que a importância do Varal de Poesias se traduz em seu aspecto mais básico e visceral. Se este evento só existe porque vocês inscreveram seus poemas, seus jogos de palavras, suas aspirações líricas, é também por causa dele que vocês podem, aqui, se apresentar como

vozes poéticas. O aluno da escola e da universidade pode ser poeta. O professor da escola e da universidade pode ser poeta. O deslocado, o alocado, o “Seu Zé do Armazém”, a pessoa livre e a pessoa privada de liberdade.

Mas, acima de tudo, esta celebração é importante porque permite, de maneira efetiva, que a universidade se aproxime e converse com a comunidade mourãoense e do entorno. Nas cadeiras deste teatro, estamos todos misturados; não há separação entre universidade e sociedade.

Ao travar essa conversa, tal como aquelas pessoas que levam um dedo de prosa na praça, sociedade e universidade se unem para lembrar e proclamar que nosso ato poético é um ato de resistência.

Por falar em resistência, é Manoel de Barros, uma vez mais, que cria o refrão deste evento: “Os andarilhos,/ as crianças e/ os passarinhos/ têm o dom de ser poesia”. No ano passado, ele nos dizia: “Não gosto das palavras fatigadas de informar”.

Quero, ainda, conversar um pouco mais com Manoel de Barros.

No livro *Menino do Mato*, de 2010, o poeta usa o verbo *desver* para significar o papel transgressor da poesia: “Tu não gostasse do caminho comum das palavras./ Antes melhor eu gostasse dos absurdos./ [...] Eu não queria ocupar o meu tempo usando palavras/ bichadas de costumes./ Eu queria mesmo era desver o mundo”.

Desver o mundo: ver de outro jeito, ter a capacidade de ressignificar por meio de um olhar crítico.

Do Pantanal ao Quilombo, outro autor que enfatiza esse poder da palavra é Nego Bispo:

“Certa vez, fui questionado por um pesquisador de Cabo Verde: ‘Como podemos contracolonizar falando a língua do inimigo?’. E respondi: ‘Vamos pegar as palavras do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las. E vamos pegar as nossas palavras que estão enfraquecidas e vamos potencializá-las. Por exemplo, se o inimigo adora dizer *desenvolvimento*, nós vamos dizer que o desenvolvimento desconecta, que o desenvolvimento é uma variante da cosmófobia. Vamos dizer que a cosmófobia é um vírus pandêmico e botar para ferrar com a palavra *desenvolvimento*. Porque a palavra boa é *envolvimento*’”.

A poesia permite *desver* e produzir *envolvimento*.

No ano passado, eu dizia que precisamos fazer frente ao pragmatismo tecnicista da nossa era e à assimilação distorcida que o discurso hegemônico faz da expressão “inovação e tecnologia”.

Parece que algumas pessoas se incomodaram.

Que bom! O objetivo é incomodar.

Anteriormente, usei Isabelle Stengers para embasar esta minha crítica. Agora, uso Antonio Bispo dos Santos, pois apenas quem não quer ver pode se recusar a entender que o confronto de Nego Bispo com a cultura desenfreada do desenvolvimento é um apelo para *desver* nossas práticas e discursos, até mesmo dentro da universidade.

Em outras palavras, *desver* e produzir *envolvimento* é fazer resistência.

Como os problemas que nos afligem permanecem, devo repetir que fazer resistência é também combater a LGU no âmbito das universidades, e combater a militarização, a platformização e a privatização das escolas no âmbito da educação básica. É combater, no cenário político mais

abrangente, discursos que defendem que permaneçamos reféns econômicos, políticos e culturais do imperialismo capitalista.

Com um tom melancólico, em “A flor e a náusea”, Drummond se questiona: “Posso, sem armas, revoltar-me?”.

A resposta, Drummond, é a flor que irrompe no meio do asfalto bruto. Como a flor, a poesia também pode ser nossa arma. É por isso que estamos reunidos aqui nesta noite.

Que tenhamos um bom evento!